



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA EM GEOGRAFIA

MARIA ROSANE CARVALHO TANONE

**ARTESANATO INDÍGENA KARIRI-XOCÓ COMO FONTE DE RENDA E
RESISTÊNCIA**

PORTO REAL DO COLÉGIO
2025

MARIA ROSANE CARVALHO TANONE

**ARTESANATO INDÍGENA KARIRI-XOCÓ COMO FONTE DE RENDA
PRESERVAÇÃO E RESISTÊNCIA**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Geografia do
Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da
Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), como
requisito à obtenção do título de Licenciada em
Geografia.

Orientador(a): Prof. Dr. Reinaldo Sousa

PORTO REAL DO COLÉGIO
2025

MARIA ROSANE CARVALHO TANONE

**ARTESANATO INDÍGENA KARIRI-XOCÓ COMO FONTE DE RENDA
PRESERVAÇÃO E RESISTÊNCIA**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Geografia do
Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da
Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), como
requisito à obtenção do título de Licenciado em
Geografia.

Orientador(a): Prof. Dr. Reinaldo Sousa

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente

REINALDO SOUSA

Data: 09/05/2025 14:21:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Reinaldo Sousa – Orientador



Documento assinado digitalmente

ANGELA MARIA ARAUJO LEITE

Data: 09/05/2025 13:46:48-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr. Ângela Maria de Araújo Leite



Documento assinado digitalmente

JOSE NATAN GONCALVES DA SILVA

Data: 07/05/2025 19:37:45-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Natan Gonçalves da Silva

ARTESANATO INDÍGENA KARIRI - XOCÓ COMO FONTE DE RENDA PRESERVAÇÃO E RESISTÊNCIA

Maria Rosane Carvalho Tanone
maria.tanone@alunos.uneal.edu.br

Prof. Dr. Reinaldo Sousa (Orientador)
reinaldo@uneal.edu.br

RESUMO

Este estudo é fruto de uma investigação acerca do povo Kariri-Xocó, uma comunidade indígena situada na cidade de Porto Real de Colégio, no estado de Alagoas. Neste artigo, exploramos o contexto histórico e social que levou ao surgimento do povo Kariri-Xocó e ao renascimento de suas tradições. Esses registros podem ser empregados nas salas de aula para assegurar que a história e as tradições locais permaneçam vivas na memória de nossa comunidade. O artesanato constitui uma das principais fontes de receita de Kariri-Xocó, sendo, portanto, comercializado durante as festividades. Os produtos predominantes disponíveis incluem colares, pulseiras, anéis, apitos, cachimbos, arcos e flechas. Cada ato, cada ação, cada palavra se entrelaça com um conceito mais elevado que transcende o que se origina da natureza. Lamentavelmente, desaprendemos a valorizar o imenso legado que essas culturas nos ofereceram: a capacidade de nos manter conectados com as transformações e tendências ambientais, assim como com os anseios mais profundos de nossos corações. No passado, quando os indígenas Kariri-Xocó se dedicavam plenamente à sua cultura, a atividade de caça e a prática da pesca constituíam as bases de sustento para suas famílias. Embora ainda se encontrem hortas nas aldeias, a escassez de chuva tem comprometido o crescimento das plantas. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, complementada por uma análise de campo. Para alcançar os objetivos propostos, foram conduzidas entrevistas, aplicados questionários e realizada observação in loco.

Palavras – Chave: Artesanato Indígena. Fonte de renda. Kariri-Xocó.

1 INTRODUÇÃO

A comunidade Kariri-Xocó situa-se no município de Porto Real de Colégio, em Alagoas, na região conhecida como Baixo São Francisco, adjacente às margens do rio São Francisco, que opõe o município de Propriá, em Sergipe, à sua vista. Esses grupos populacionais constituem uma síntese de numerosas intersecções entre diferentes etnias indígenas, fundamentadas em práticas de apropriação primigênia e nos ensinamentos missionários disseminados no Nordeste do Brasil. Entretanto, a denominação desta tribo alude à última significativa aliança estabelecida há um século entre os grupos Kariri e Xocó.

O artesanato constitui uma das principais fontes de renda para os Kariri-Xocó, sendo, portanto, integrado à comercialização durante as vivências realizadas em diversos eventos. Os produtos mais destacados incluem colares, pulseiras, anéis, maracás, apitos que simulam cantos

de aves, cachimbos, kits de arco e flecha, além de brincos. A aquisição de peças do artesanato indígena promove a disseminação cultural e assegura o sustento das comunidades nativas na aldeia.

São disponibilizados em feiras, cursos e outros eventos nos quais o Cacique Kayrrá está presente. É pertinente destacar este artigo, cujo propósito é instigar o leitor a considerar a arte indígena como uma estratégia de geração de renda, conservação cultural e resistência comunitária. Desde tempos imemoriais, os povos indígenas têm produzido sua arte, adotando a pintura como um meio autônomo de expressão, que não apenas reflete seus valores, mas também serve para definir e afirmar sua identidade coletiva. Ao longo do tempo, sua obra evoluiu para se transformar em um meio de sustento para sua família, perpetuando suas criações, tradições e costumes de geração em geração. As investigações fundamentadas teoricamente foram conduzidas a partir da reflexão e do erudito conhecimento dos autores que se dedicaram a compreender sua arte, cultura e tradições, ao mesmo tempo em que integraram a arte como um veículo de sustentabilidade financeira, visando à proteção e resistência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO – CONCEITUAL

Em segundo lugar, este representa o inaugural exemplo de uma aldeia missionária emergente entre o final do século XVII e o início do século XIX, evidenciando ainda mais os resultados da interação entre distintas civilizações. De acordo com Vera Lúcia da Mata, a localidade em questão estava sob domínio dos inacianos, ou seja, dos integrantes da Companhia de Jesus associados a Santo Inácio, bem como dos povos indígenas, incluindo os Carapotós, Cariris, Aconâns e Praquiôs (Mata, 1989).

Os últimos, provenientes de uma outra aldeia Ilha de São Pedro na província de Sergipe, chegaram a Porto Real do Colégio após a apropriação de suas terras no Porto da Folha/SE, localizado do outro lado do Rio de São Francisco. A entrada dos galileus em Alagoas, conforme mencionado pelo xamã Júlio Queiroz Suíra, ocorreu com a chegada dos primeiros integrantes originários da Bahia. Entretanto, ele desconhece a qual região corresponde, uma vez que é provável que não houvesse uma divisão estadual estabelecida na época.

Entretanto, o pajé afirmou que se referia a uma extensa tribo que migrou da Bahia para o Maranhão, estabelecendo-se em uma considerável porção da região Norte do Brasil. Os galileus estabeleceram-se nas regiões que atualmente correspondem aos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão, iniciando sua trajetória a partir do rio Paraguacho, na Bahia, e do rio São Francisco, considerando a área a oeste

do rio Itapicuru (INSTITUTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 1922). Está registrado que os trabalhadores demonstram uma alta mobilidade. Por conseguinte, a abrangência é consideravelmente extensa. Na narrativa histórica da ilha, são referidos como Cariris Velhos. O Planalto da Borborema e os Cariris Novos estabeleceram-se nos vales férteis, culminando na fundação de inúmeras cidades no norte (MATA, 2014).

A fusão do povo Xocó, que habitava as proximidades de Sergipe do Rio, com os galileus, originários das terras alagoanas, deu-se no segundo quartel do século XIX, em um contexto em que os elementos eram historicamente deslocados da Ilha de São Pedro. Localizado em Porto da Folha, na província de Sergipe. Em segundo lugar, este evento ocorreu “quando suas terras foram devastadas, em decorrência da resolução que aboliu as vilas em 1855, além da prisão da família do Coronel João Fernández de Brito em 1888.” (Mata, 2003). Os Xocó ou Ciocó foram expulsos de suas terras, devido à política imperial, o que mostra que o encontro com o grupo Galileu-Xocó foi resultado de uma série de forças anteriores devido ao processo de colonização do Baixo São Francisco, (Nascimento, 2002).

Sem a presença de uma aldeia, Xocó foi conduzido por um conjunto de galileus para a margem oposta do rio São Francisco. A expulsão dos indígenas Xocó de suas terras, em Porto da Folha/SE, era um fenômeno recorrente. A desconsideração para com a natureza, por parte da população indígena, foi caracterizada como "absurda". Apesar de realizar numerosas viagens ao Rio de Janeiro na defesa de seus direitos, suas terras foram fracionadas em oito propriedades rurais em 1882, e em 1888 a Câmara Municipal cessou suas atividades. O Porto da Folha foi devastado pelo desmatamento, resultando na migração de toda a população local. Segundo o antropólogo José Mauricio Arotti, a maior parte de Xocó é desabrigada.

O território da aldeia (atual Kariri-Xocó) foi concedido pelo então governador de Pernambuco, Sebastião de Castro Caldas, em 1º de janeiro de 1708 (Silva, 2003), com o intuito de promover aulas missionárias. Conforme demonstrou o mesmo pesquisador, foi uma estratégia política que conferiu esta área aos indígenas, em vez de àqueles missionários que a geriram. Entretanto, esses pormenores foram formalizados na legislação datada de 4 de junho de 1703, com o intuito de conceder terras à comunidade Maori, alocando uma légua quadrada a cada aldeia, a ser entregue à coletividade em nome da cristandade e sob a supervisão da missão. As terras missionárias deveriam ser disponibilizadas aos indígenas em suas residências. Aconans, Cariris, Carapotós, Ceocoses e Prakió (Pinto, 1935).

Ao proceder dessa maneira, o Governador de Pernambuco também honrou a Carta Régia datada de 23 de novembro de 1700, a qual estabelecia que "todo missionário deve receber uma linha de sacrifício para sustentar tanto os índios quanto os missionários". (BIBLIOTECA

NACIONAL, Documentos Históricos. V. LXIV, p. 67). Consequentemente, quando as aquisições de terras ocorreram após a missão (na ausência de povos indígenas), foi consideravelmente mais fácil recuperar essas terras quando os participantes buscaram validar seus esforços.

Durante as entrevistas realizadas com os proprietários da aldeia para esta pesquisa, ficou claro que os Kariri-Xocó acreditam que a terra que possuem é um presente diretamente enviado pelo Imperador D. Pedro II em sua viagem às cataratas de Paulo Afonso - uma ação de grande importância. O relatório dos líderes deste grupo de cidadãos, que foi aprovado pelos participantes, será novamente apresentado hoje. O governador concedeu o terreno a essas pessoas conforme a vontade do monarca da época (Silva, 2003).

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

De acordo com dados da FUNAI, a população de Kariri-Xocó em 1997 era calculada em 1.500 pessoas, um número que já era mencionado desde 1993. Ao discutir as características dos Kariri-Xocó, é importante destacar que entre os que se autodenominam indígenas, o grupo se identifica com os não-indígenas, indivíduos de pele negra, cabelos loiros e olhos azuis e características faciais e biótipos americanos. Os indígenas de Porto Real do Colégio são trabalhadores rurais e conhecem o mistério do Ouricuri desde a infância. Porém, há divisões internas. Se alguém possui um pai chamado Kariri ou Xocó, é considerado descendente. Se você está em Ouricuri, está ciente disso. É importante ser educado e experiente em casa para ser honesto em casa. No entanto, existe uma restrição: um casamento não-índio pode se transformar em um casamento caboclo se o xamã for convidado a participar do Ouricuri.

A escolha do nome Kariri-Xocó foi baseada na última fusão, que aconteceu há cem anos, entre Kariri em Porto Real de Colégio e uma porção de Xocó na Ilha de São Pedro em Sergipe. Ao serem silenciadas pelas campanhas terrestres imperialistas, as aldeias Maori tomaram posse de suas terras, foram atacadas e se esconderam na Galileia, do outro lado do rio. Kariri (ou Kirirí), uma denominação que ainda é comum no Nordeste e remete a uma grande nação que provavelmente ocupou a extensa área dos estados nordestinos, da Bahia ao Maranhão. Os dados sobre Xocó (ou Ciocó) são datados do século dezenove. O nome Kariri-Xocó designa o conjunto, simbolizando a aldeia e o posto indígena, após a instituição da nova FUNAI. O estabelecimento escolar, estabelecido em 1916. Em um grupo, essa dualidade religiosa também pode gerar desentendimentos ou fomentar a união. O clã Xocó, que ainda almejava conquistar a Ilha de São Pedro, residia na cidade de Sergipe de Porto da Folha. Contudo, ao perceberem a possibilidade de os políticos adquirirem as terras da Fazenda Modelo ou Sementeira, o oficial assumiu o controle.

A sua rotina diária se assemelha à das pequenas comunidades rurais que comercializam seus serviços em várias atividades agrícolas locais. No entanto, a vida indígena em Porto Real do Colégio era simples e desde cedo tinha conhecimento do segredo do Ouricuri (Novaes, 1989). A comunidade Kariri-Xocó está localizada no baixo São Francisco, no município de Alagoas Porto Real de Colégio, sua sede fica em frente ao município de Sergipe Propriá. Enfim, pode-se dizer que o grupo manteve sua “indianidade” ao manter o ritual Ouricuri. No mês de novembro de 1978, essa identidade foi recuperada e a Fazenda Modelo, também conhecida como Sementeira, passou a ser gerida pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF), que a reconheceu como parte do seu território ancestral. Esta vitória incentivou uma política de revisão positiva da sua identidade, sendo publicamente reconhecido como “índio” e Kariri-Xocó.

Durante a gestão da CODEVASF, algumas áreas dessas terras, que pertenciam à Fazenda Modelo foram tomadas pelos Kariri-Xocó, que reivindicavam direitos de propriedade antigos. Imediatamente após a implementação do projeto Áreas Alagadas da CODEVASF no Baixo São Francisco, que está transformando a paisagem de toda a área. Após a construção do posto natural, os indígenas adquiriram 50 hectares, protegendo as terras de Ouricuri (cerca de 100 hectares, conforme o parecer da FUNAI no 138/86 GT Porto).

Eles invadiram a propriedade rural e tomaram todas as suas edificações. No entanto, de forma limitada, com o auxílio de uma agência canadense, a FUNAI fornecerá materiais para a edificação de uma nova residência. Portanto, deixaram a "Rua dos Índios" localizada no centro do Colégio, onde viviam com não-índios, mesmo estando separados por uma rua. Na esquina desta rua está localizado o correio Maori, enquanto a escola está localizada ao lado. Em 1983, a fazenda ocupada passou a ter o registro familiar. Em 1997, a escola foi fechada e reaberta.

A Arte Indígena como Fonte de Renda

A arte indígena refere-se à arte criada pelos indígenas de um país específico, sendo assim, multifacetada e bastante variada. Assumindo diversas características, formas e qualidades, conforme o local e as tradições dos indivíduos que o criaram. Portanto, a arte de cada tribo ou etnia indígena possui particularidades únicas. No entanto, há traços comuns em diversas regiões: um exemplo disso é a pintura corporal. No Brasil, essas expressões artísticas são um dos pilares essenciais da nossa cultura, mantendo-se em nosso território através de diversas formas de expressão. A arte dos indígenas é um componente valioso da cultura do Brasil e um dos alicerces

que sustentam o nosso imaginário nacional. Em geral, podemos afirmar que, apesar de algumas peças apresentarem problemas estéticos, a maior parte delas é funcional.

Considera-se arte nacional indígena aquela produzida pelos povos indígenas antes, durante e depois do processo de colonização. Algumas destas manifestações artísticas são as mais antigas do nosso território e foram preservadas até hoje. Esta cultura manifesta-se principalmente através da cerâmica, das máscaras e da pintura corporal, embora também seja evidente através dos têxteis, da música, da dança e da própria mitologia.

Características da arte indígena

Uma das particularidades mais marcantes da arte indígena é o seu caráter coletivo. Aqui, a produção artística não é um ato solitário: ao contrário, é algo coletivo. Essas formas de arte, intimamente ligadas à vida em comunidade, às necessidades diárias, às celebrações, cerimônias e rituais, são fundamentadas em tradições e transmitidas de geração para geração. Também é relevante destacar que esses objetos artísticos empregam materiais obtidos da natureza, tais como folhas, frutos, árvores, ossos, dentes e penas de animais, entre outros. Alguns objetos, além de serem usados na vida em comunidade, são vistos como objetos cerimoniais que conectam as pessoas ao universo espiritual.

No que diz respeito aos estilos, cada etnia indígena apresenta características singulares, as quais se manifestam em suas produções artísticas. Certos estilos podem manifestar-se de forma mais abstrata e geométrica, enquanto outros tendem a ser mais figurativos e elaborados em seus detalhes. Ademais, certos grupos demonstram uma predileção por cores vibrantes e intensas, enquanto outros optam por paletas mais discretas e suaves. Os materiais empregados na arte indígena consistem predominantemente em recursos naturais oriundos de seus respectivos territórios. A cerâmica representa uma técnica amplamente reconhecida que envolve o uso de argila, a qual é moldada e posteriormente submetida a um processo de queima para alcançar sua forma definitiva. Materiais como madeira, palha, fibras vegetais, sementes, penas e ossos de animais são empregados na criação de esculturas, cestos, joias e adornos corporais.

Figura 1 - Membros da Aldeia Kariri-Xocó



Fonte: imagens coletadas pela autora

Figura 2 Artesanato da Aldeia Kariri-Xocó



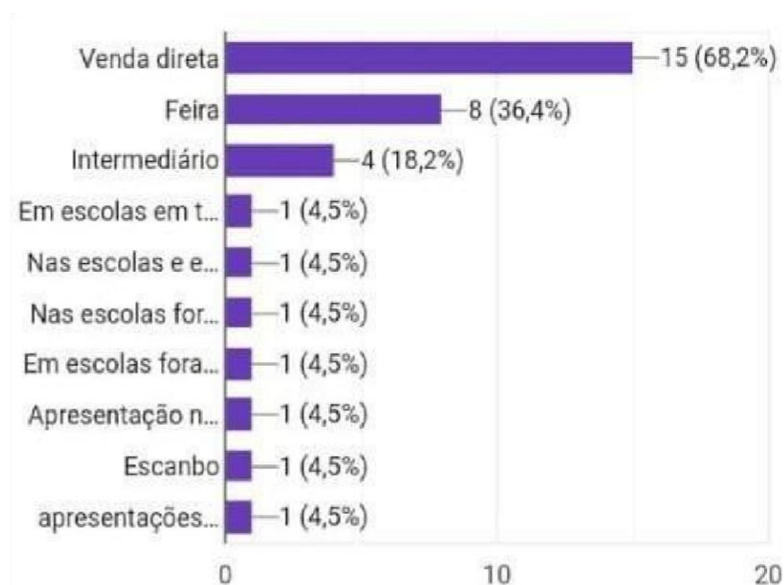
Fonte: Imagens coletadas pela autora

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As fontes de renda dos povos indígenas Kariri - Xocó são diversas. Estamos particularmente interessados na receita gerada pelos produtos artesanais. Em última análise, a arte brasileira constitui uma manifestação cultural dos povos indígenas do Brasil, revelando-se de maneira singular e distinta, imersa em uma rica tapeçaria de elementos e tradições. Atualmente, o país abriga mais de 300 grupos indígenas, cada um com suas próprias práticas culturais e tradições. O gráfico a seguir ilustra os mecanismos envolvidos no comércio de produtos da comunidade. A pesquisa de campo proporcionou a oportunidade de observar diversas realidades que exigem uma reflexão profunda.

Segundo o gráfico 1, cerca de 68,2% vende seus produtos diretamente ao comprador, ao menos 36,4% vendem na feira e 18,2% vendem por meio de outras pessoas, 4,5% vendem seus produtos nas escolas da comunidade e da cidade vizinha, uma pequena parte 4,5% vendem fora das escolas também. Alguns dos produtos produzidos e confeccionados são usados nas apresentações pelos povos indígenas da comunidade Kariri – Xocó, e outros são feitos por escambos, isto é, são trocados por outras mercadorias, sem fazer uso do dinheiro.

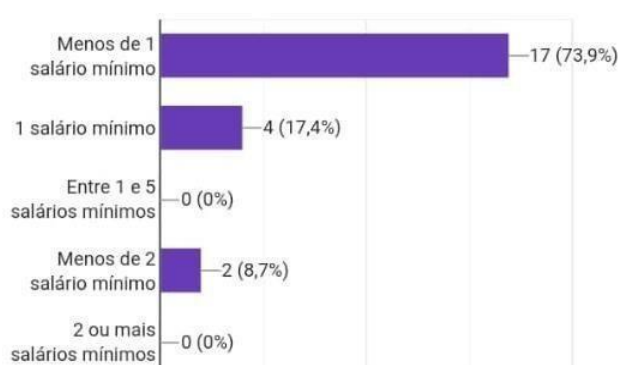
Gráfico 01 - comércio de produtos pela comunidade



Fonte: Trabalho de Campo

A renda média da comunidade (gráfico 2) é menor que 1 (um) salário mínimo para pelo menos 73,9% dos entrevistados. Cerca de 17,4% recebem e sobrevivem com um salário mínimo mensal. Para 8,7% a renda é menor que 2 (dois) salários mínimos. Os dados demonstram um rendimento muito baixo da comunidade, o que gera uma grande dependência de programas governamentais e justifica a necessidade de pensar alternativas de emprego e renda.

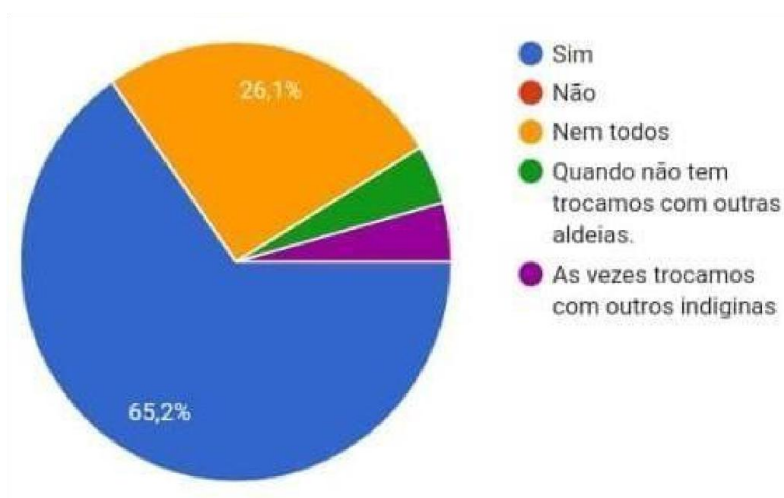
Gráfico 02 – Renda Média



Fonte: Trabalho de Campo¹⁰

A comunidade não enfrenta o problema de danos florestais ou ambientais. Os principais artesanatos produzidos nesta aldeia são: maças, arcos flecha, vasos, chandokas, lanças, koka, colares, pulseiras e brincos. Mas, nem sempre matérias-primas como madeira, sementes, bambu, fibra e argila são obtidas das florestas. Segundo os entrevistados, o maior desafio dos artesãos da comunidade indígena é a venda de seus produtos. De acordo com 65,2%, dos entrevistados disseram que os produtos são vendidos para fora, pra outros lugares (gráfico 3). Contudo, eles esbarram muitas vezes na figura do atravessador, o que faz diminuir seus ganhos.

Gráfico 03 – Destino do Artesanato Produzido



Fonte: Trabalho de Campo

Ao questionarmos sobre a matéria – prima existente na comunidade Kariri – Xocó, 26,1% dessas pessoas disseram que esses produtos não são feitos com a matéria – prima existente dentro da comunidade. Eles compram parte da matéria prima para os artesanatos de outros

fornecedores. Existem ainda as plantações nas aldeias, todavia, a chuva é escassa e prejudica o desenvolvimento das plantas. Além disso, não existe mais a caça de animais, pois a floresta já não possui a abundância de antigamente, para poder produzir suas peças. Quando questionado sobre a falta de produtos procurados, uma pequena porcentagem destacou que quando não tem as peças que os clientes procuram, eles trocam com outras aldeias, mas o produto chega até o comprador, como também alguns disseram, que trocam com outras aldeias, por achar que tem mais saída determinado produto.

Estes representam apenas alguns obstáculos à produção do artesanato indígena. Não obstante, toda a produção é inteiramente artesanal, realizada na aldeia, sem o emprego de máquinas ou linhas de montagem. Por esta razão, certos produtos demandam um tempo considerável para sua finalização. O artesanato representa uma das principais fontes de receita para os Kariri Xocó e, desse modo, é avidamente promovido para fins comerciais durante as experiências demonstradas em diversos eventos. Os itens mais proeminentes incluem colares, pulseiras, anéis, maracás, apitos que emulam os cânticos das aves, cachimbos, arcos e flechas, além de brincos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, compreendi que, no universo indígena, cada elemento possui um significado simbólico. Cada ação, atividade e palavra está conectada a uma intenção maior, frequentemente enraizada na própria essência da natureza. Infelizmente, a cultura não indígena, em grande parte, perdeu a sensibilidade para reconhecer a imensa riqueza que os povos indígenas nos oferecem: a capacidade de viver em harmonia com os ciclos naturais e, conseqüentemente, com as aspirações mais autênticas de nossa existência. Esse entendimento, que se renova a cada interação com esses saberes, nos convida a explorar a tradição, entendida aqui como a prática e os fundamentos que sustentam o artesanato. No caso específico desta pesquisa, o foco recai sobre a aldeia Kariri-Xocó, um exemplo vivo dessa profunda conexão entre cultura, natureza e criação.

Sempre em transformação, o artesanato é reconhecido como um objeto de interesse coletivo e um fator determinante para uma esfera específica da atividade econômica. Essa atividade se caracteriza por uma racionalização voltada à geração de renda, beneficiando não apenas os membros da comunidade, mas também as localidades vizinhas. A fabricação de cerâmica, por exemplo, é uma prática ancestral cuja origem exata permanece desconhecida. Tradicionalmente, essa atividade tem sido uma especialização amplamente feminina, embora alguns homens também participem do processo, o que é um avanço nas relações sociais

estabelecidas na comunidade. A transmissão desse conhecimento ocorre, sobretudo, entre gerações de mulheres, que passam de mãe para filha. Desde cedo, as meninas colaboram com suas mães, aprendendo diversas técnicas. No entanto, na ausência dessa orientação materna, a oportunidade de aprendizado com outra mulher costuma ser limitada. Daí a importância dos homens estarem se envolvendo.

No contexto produtivo, a cerâmica destaca-se como elemento central, enquanto no âmbito religioso, o Ouricuri assume papel de grande relevância. A contribuição feminina para a cerâmica é primordial e histórica, representando um pilar vital para a sustentação econômica da comunidade Kariri-Xocó. Essa prática é simultaneamente reconhecida como uma importante fonte de renda e como um peso, algo que muitas aspiram não repassar às gerações futuras. Nesse sentido, renda e sofrimento encontram-se profundamente interligados. A cerâmica, como uma arte milenar, merece ser valorizada com entusiasmo e compartilhada entre todos os membros da comunidade, preservando seu legado cultural e sua relevância para a identidade coletiva.

Enfim, consideramos que a pesquisa pode contribuir não só para pensar a importância do artesanato como fonte de emprego e renda, mas também como elemento de mudança de comportamento e de cultura. Ao concluir este trabalho, acredito estar contribuindo para um outro olhar sobre a comunidade. Espero que ele contribua para o nascimento de tantos outros trabalhos, de tantos outros olhares sobre a comunidade Kariri- Xocó.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Clóvis. Wakona-Kariri-Xukuru: **características socioantropológicas das evidências indígenas em Alagoas**. Maceió: UFAL, 1973. Possui 157 páginas.

DALLARY, Dalmu. **O indígena, sua capacidade legal e suas propriedades**. Sob a coordenação de SANTOS, SC. Índio diante da legislação. São José: UFSC, 1982.

DUARTE, Abelardo. Tribos, aldeias e missões indígenas em Alagoas. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas Pernambuco, 1969. Alagoas, 28.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Karir Cuntatti, mudanças culturais**. São Paulo, Aostu: Sociologia. 5656.

HOHENTHAL JÚNIOR, W. D. Os povos indígenas do Médio e do Baixo São Francisco. Revisão I do Museu Paulista, São Paulo: Museu Paulista, número 12, 1960.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO – 1922 – Dicionário histórico e etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro, v. 1.

MATA, Vera Lúcia Calheiros. A semente da terra: identidade e **ocupação** territorial por um grupo indígena integrado. Rio de Janeiro: Museu Nacional-UFRJ, 1989. 375 p. **(Ph.D.)**

TKAYNÃ. **Entrevista concedida a Ruy Rodrigues Câmara Neto**, Porto Real do Colégio, 2015.

MATA, Vera Lúcia Calheiros. **A semente do solo: identidade e uso do solo**. Rio de Janeiro. 1989, 360 p. Tese (Doutorado em História dos Índios Kariri-Xocó em Porto Real do Colégio) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NASCIMENTO, Marco Tromboni de Souza e RAMOS, Luciana Maria de. **Diário Oficial do Estado. Alagoas**: Resumo do Relatório Circunstanciado de Revisão e Definição da Área de Estudo Estação Ecológica Kariri-Xocó. 5 de fevereiro de 2002.
PAWANÃ CRODI. **Conversa com Ruy Rodrigues Câmara Neto**, Porto Real do Colégio. Escola, 2016.